

A crescente do jornalismo esportivo e a queda do político

Lucas Cardamone Piovezani (Autor)

Eduardo Yoshio Nunomura (Orientador)

Resumo

A quantidade de estudantes de jornalismo matriculados em faculdades de São Paulo que pretendem ir para a área esportiva está aumentando. Este artigo busca investigar por que os jovens que ingressam em jornalismo optam pela comunicação esportiva mesmo com a vasta quantidade de áreas. A pesquisa foi realizada por meio de uma pesquisa quantitativa com formulário sendo distribuído para alunos que em 2025 cursaram algum curso presencial de jornalismo em São Paulo e, após esta, uma pesquisa qualitativa com alguns dos estudantes que responderam o documento solicitado. O jornalismo esportivo como maior procura foi consolidado na pesquisa, mas as motivações para seguir este campo e outros do meio jornalístico geraram minha curiosidade em entender se há um padrão geracional sendo construído.

Palavras-chave: Universitários de jornalismo; jornalismo Esportivo; jornalismo Político; Campos de atuação; jornalismo Econômico.

Introdução

O jornalismo, pilar da democracia, pode atravessar um período de transformações e inconsistência no futuro, já que se percebe uma mudança recorrente nas preferências editoriais dos calouros nas universidades.

A quantidade de estudantes de jornalismo matriculados em faculdades de São Paulo que pretendem seguir para a área esportiva está em constante crescimento.

Dados levantados pelo jornalista e professor Eduardo Nunomura com calouros da Faculdade Cásper Líbero demonstram que, em 2021, cerca de 35% dos estudantes manifestavam interesse em atuar no jornalismo esportivo, enquanto 26% tinham a política como principal foco profissional. Dois anos depois, em 2023, o mesmo formulário foi aplicado para os novos calouros, evidenciando mudanças drásticas: o número dos interessados em política caiu para cerca de 10% e, em 2024, mais de 57% dos jovens priorizaram o esporte.

A queda quase total da editoria política que, em 2023, tinha cerca de 10% dos votos, somada à crescente do interesse pela área esportiva transmitiu a sensação de que não poderia ser somente um ano atípico, mas talvez um padrão.

Embora os dados de Nunomura se refiram à Cásper Líbero, relatos de estudantes de outras instituições, como USP e UNIP, reforçaram essa tendência. Essa mudança de rumo desperta preocupação, uma vez que pode provocar uma concentração excessiva de profissionais em áreas de entretenimento ou esporte e uma escassez de especialistas em temas de relevância pública e social.

Este artigo busca compreender as razões que levam os jovens que ingressam nos cursos de jornalismo a optarem, de forma tão expressiva, pela comunicação esportiva, mesmo diante da vasta quantidade de áreas de atuação disponíveis. A intenção é entender como motivações pessoais, culturais e mercadológicas influenciam essa escolha dos futuros jornalistas brasileiros.

A pesquisa foi realizada em duas etapas. A primeira, de caráter quantitativo, consistiu na aplicação de um formulário distribuído a estudantes que, em 2025, cursaram algum curso presencial de jornalismo em faculdades de São Paulo. Essa coleta permitiu traçar um panorama numérico sobre as preferências editoriais dos alunos e identificar a predominância do jornalismo esportivo. A segunda etapa foi de origem qualitativa. Foi realizado um bate-papo com respondentes da pesquisa anterior que se disponibilizaram a debater o assunto. Essa segunda

dinâmica permitiu uma compreensão aprofundada das motivações, percepções e experiências que moldam suas atuais e futuras decisões profissionais.

Dessa forma, esta pesquisa pretende não apenas registrar uma mudança geracional nas preferências editoriais, mas também refletir sobre o que ela revela a respeito do jornalismo contemporâneo. Investigar o crescimento do interesse pela editoria esportiva e a queda das áreas políticas e econômicas poderia também ter alguma relação com uma geração que estuda pensando em se comunicar para as redes sociais?

Para cumprir seus propósitos, este artigo científico está organizado em quatro partes. Após esta introdução, a seção seguinte descreve os procedimentos metodológicos, incluindo o desenvolvimento e aplicação de formulários para estudantes e quais frutos dela puderam ser absorvidos. A seção três é dedicada à apresentação e à análise da pesquisa qualitativa, com entrevistas online que ajudam a compreender o que foi analisado anteriormente. Finalmente, as Considerações Finais oferecem uma síntese das descobertas, apresentam as conclusões sobre a crise editorial e apontam caminhos para futuras pesquisas.

Observações feitas através da análise quantitativa

Entre março e junho de 2025, foram contatados, por e-mail e, quando possível, WhatsApp dos coordenadores dos cursos presenciais de jornalismo de universidades do Estado de São Paulo.

O objetivo foi solicitar que o formulário de pesquisa fosse encaminhado aos estudantes regularmente matriculados. Ao todo, oito instituições participaram do primeiro levantamento: Faculdade Cásper Líbero (25 respondentes), Universidade Paulista, a Unip (19), Fapcom (14), Universidade de São Paulo (8), Universidade São Judas Tadeu (6), ESPM (4), UniSant'Anna (2) e FAM (1 respondente). Essas instituições representam um recorte variado do ensino de jornalismo, incluindo universidades públicas e privadas, de diferentes portes e valores de mensalidade.

O levantamento quantitativo foi conduzido por meio de um formulário eletrônico elaborado no Google Forms. Este, continha 13 perguntas, sendo duas discursivas. As questões buscaram compreender o perfil dos estudantes (faculdade, ano de ingresso, valor da mensalidade, entre outros), mas também com o intuito de compreender padrões em preferências editoriais, tanto no início do curso quanto no momento atual, e o grau de abertura para atuar em outras áreas do jornalismo (*Ver em apêndice todas as respostas*). A coleta foi realizada entre abril e

agosto de 2025 e resultou em 85 preenchimentos, mas, devido a inconsistência de alguns deles, foram utilizadas 79 respostas.

A análise dos resultados permitiu identificar tendências e padrões significativos no perfil dos estudantes. Foi confirmado que o jornalismo esportivo (incluindo quem opta exclusivamente por futebol) se consolidou como a principal área de interesse entre os participantes desta pesquisa, tanto no ingresso quanto na fase atual do curso. O entretenimento aparece logo em seguida, com leve crescimento, o que corrobora uma preferência majoritária por editorias associadas à comunicação de massa e à cultura popular.

Tabela 1 - Entretenimento e Esportes atraem mais os jovens estudantes de jornalismo. Política aparece em terceiro nas opções dos entrevistados nesta pesquisa

<i>Hoje, qual o seu campo de preferência?</i>	Número de alunos:	Porcentagem de alunos:
Cultura	3	3,80%
Economia	2	2,53%
Entretenimento	21	26,58%
Esportes	22	27,85%
Exclusivamente futebol	3	3,80%
Investigativo	6	7,59%
Moda	3	3,80%
Outros	7	8,86%
Política	12	15,19%
Total geral	79	100,00%

Fonte: PIOVEZANI, Lucas Cardamone. **Dados da pesquisa de campo: alunos de jornalismo.**

Um dado particularmente relevante desta pesquisa - e não detectada no levantamento de Nunomura - é que mais de metade dos respondentes afirmou ter mudado de área de interesse ao longo da graduação. Essa transição ocorreu entre os estudantes que ingressaram com foco em política ou esportes, o que sugere que a vivência universitária, o contato com disciplinas práticas e a percepção das condições do mercado exercem influência na redefinição de suas preferências profissionais.

Outro cruzamento relevante diz respeito ao valor da mensalidade e à escolha editorial. Verificou-se que estudantes de instituições privadas com mensalidades mais altas tendem a se concentrar nas áreas de esportes e entretenimento, enquanto alunos de universidades públicas,

como a USP, demonstram interesse por política e economia. Essa diferença revela uma possível influência do contexto universitário por trás de cada escolha de trajetória profissional.

Interessante observar a mudança nas respostas ao desconsiderar a Cásper Líbero. Sem a faculdade, o jornalismo esportivo se iguala como o campo mais procurado, junto ao entretenimento.

Tabela 2 - Número de alunos interessados em cada área organizados por faculdade

<i>Hoje, qual o seu campo de preferência?</i>	Cásper Líbero	ESPM	FAM	FAPCOM	São Judas	UNIP	UniSant' Anna	USP	Total geral
Cultura	1		1			1			3
Economia								2	2
Entretenimento	7			5	2	6		1	21
Esportes	10	1		3	2	4	1	1	22
Exclusivamente futebol	1			1		1			3
Investigativo	1				1	3		1	6
Moda				1		2			3
Outros	1	1		1		1	1	2	7
Política	4	2		3	1	1		1	12
Total geral	25	4	1	14	6	19	2	8	79

Fonte: PIOVEZANI, Lucas Cardamone. *Dados da pesquisa de campo: alunos de jornalismo*.

Tabela 3 - Número de alunos interessados em cada área organizados por faculdade desconsiderando a Faculdade Cásper Líbero.

<i>Campo atual de preferência</i>	ESPM	FAM	FAPCOM	São Judas	UNIP	UniSant' Anna	USP	Total geral
Cultura			1			1		2
Economia							2	2
Entretenimento			5	2	6		1	14
Esportes	1		3	2	4	1	1	12
Exclusivamente futebol			1		1			2
Investigativo				1	3		1	5
Moda			1		2			3
Outros	1		1		1	1	2	6
Política	2		3	1	1		1	8
Total geral	4	1	14	6	19	2	8	54

Fonte: PIOVEZANI, Lucas Cardamone. Dados da pesquisa de campo: alunos de jornalismo.

“Seu campo de preferência mudou ao longo da faculdade?” Foi uma pergunta que possibilitou uma melhor visualização de o quanto um ambiente universitário impacta na escolha da área de preferência. 1/3 dos respondentes que hoje querem política passaram a priorizar o campo ao longo da faculdade. Enquanto isso, nos esportes, menos de 1/6 decidiu ir para esta área durante a realização do curso.

Tabela 4 - Número de alunos interessados em cada área organizados pela mudança ou não do campo de preferência.

Campo de preferência:	Meu campo	
	Meu campo NÃO MUDOU ao longo da faculdade	MUDOU ao longo da faculdade
Cultura	1	2
Economia	0	2
Entretenimento	16	5
Esportes	19	3
Exclusivamente futebol	3	0
Investigativo	3	3
Moda	2	1
Outros	2	5
Política	8	4
Total geral	54	25

Fonte: PIOVEZANI, Lucas Cardamone. Dados da pesquisa de campo: alunos de jornalismo.

Os resultados da análise qualitativa

Para esta fase da pesquisa, foi realizado um bate-papo pelo google meet com 5 universitários que sonham em se tornar jornalistas. O formulário com 79 respondentes válidos também trouxe frutos, já que ele continha duas perguntas dissertativas.

Os resultados obtidos na etapa qualitativa da pesquisa reforçam que o fenômeno da concentração de interesse dos estudantes de jornalismo na editoria esportiva é um reflexo direto de um contexto mais amplo de transformação e instabilidade da profissão.

Nas falas coletadas durante a pesquisa, foi possível observar que a escolha pelo jornalismo esportivo não é fruto de modismo, mas de um vínculo emocional, um apego

consolidado desde a infância. Murilo Alves Gomes, estudante da Faculdade Cásper Líbero, expressou esse sentimento ao afirmar que “queria trabalhar com as minhas paixões [...] minhas paixões sempre foram esporte e entretenimento”. A relação afetiva com a área sugere que, para muitos estudantes, o amor pelo esporte te encaminha para o jornalismo – em vez de ter um amor pela profissão em si.

“Pode ser que tenha um superfaturamento. Só que muitos, se perdem no caminho. Às vezes não encontram espaço, acabam desistindo ou indo para outra área ou fazendo outro curso. Eu acho que é meio que um ciclo natural, sabe? Quem se dedica acaba encontrando algum espaço”, argumentou Murilo Alves no bate-papo remoto. A fala sugere que haja um receio com a alta demanda dos jovens pelo campo esportivo, mas que isso pode ocasionar em uma maior dedicação por parte dos estudantes, algo que pode aumentar o nível dos profissionais da área.

Nas instituições públicas, o número de alunos com foco no jornalismo esportivo é significativamente menor. Isabella Gargano, estudante da USP, afirmou que, em sua universidade, quem deseja trabalhar com esporte faz parte de um “grupo reduzido, que quer muito esporte”.

Enquanto, na pesquisa quantitativa, 44% de quem paga mais de 2 salários mínimos no ensino superior alegaram querer seguir pelo esporte, cerca de 28% dos alunos que não pagam nada na respectiva faculdade tem interesse na área.

No texto *“jornalismo: uma profissão em crise?”*, de Fernanda Lima Lopes. A autora questiona se a profissão vem sofrendo uma perda de identidade associada ao enfraquecimento de seus pilares — entre eles, a democracia e a confiança social na imprensa. Essa retração não decorre apenas da mudança de hábitos, mas também de um contexto de descrédito e de polarização, em que a cobertura política passou a ser percebida pelos jovens como um espaço de risco e instabilidade.

O jornalismo vai acabar? Essa é a dúvida constitutiva do blog emblematicamente denominado 'fimdojornalismo.blogspot.com'. A mera elaboração da pergunta revela um temor ou uma crença de que o jornalismo está em risco. Independentemente do conteúdo das respostas, a questão já é um sintoma da sensação de insegurança que se abate atualmente sobre a atividade.

“A gente entrou num cenário muito delicado na política brasileira, onde você não pode falar mais nada sem correr risco de morte”, diz Víctor Hugo Carvalho, estudante da Unip. A fala ilustra como o medo e o desgaste emocional se tornaram fatores decisivos na rejeição à editoria política. Nesse contexto, a editoria política passou a ser vista como o epicentro da crise de

legitimidade da profissão, afastando os novos estudantes que buscam um ambiente menos conflituoso.

A análise também dialoga com as conclusões do estudo “*Mercado Futuro: A Economia Política da (Re)Partidarização da Imprensa no Brasil*”, que identifica uma crescente partidarização dos veículos jornalísticos como estratégia de sobrevivência econômica. O texto argumenta que, ao adotar posturas editoriais ideologicamente marcadas, os veículos tentam fidelizar nichos específicos de audiência. Esse comportamento gera um efeito cascata: o consumidor começa a se incomodar com a forma que a informação é passada quando não condiz com o seu raciocínio ideológico, o mesmo pode atacar o jornalista envolvido na reportagem e, assim, os jovens, perdem o interesse de seguir a área.

Mesmo assim, o número de estudantes que querem seguir para a área política é maior que o retratado inicialmente pelos calouros da Cásper. No total, 15% dos alunos que responderam a pesquisa marcaram a alternativa como prioritária.

Em paralelo, esta pesquisa revelou que o jornalismo econômico ocupa um espaço ambíguo na formação dos estudantes. Nenhum dos entrevistados declarou ter entrado na graduação com a vontade de seguir essa editoria, mas alguns migraram para ela ao longo do curso.

“Quando você é mais jovem, [o campo econômico] não tem nenhuma graça [...] você não vai escolher aprender economia ao invés de ver Netflix”, afirmou Isabella Gargano. Luís Felipe Matias, casperiano, afirmou que o interesse surgiu ao perceber a importância prática do tema: “Vai chegar um ponto que precisará votar, trabalhar, morar sozinho e entender se é isento de imposto de renda ou não”.

Essas falas mostram que o jornalismo econômico tende a ser descoberto só a partir do amadurecimento intelectual e da experiência prática, e não como uma escolha passional ou de primeiro momento. Os entrevistados citaram motivações como vantagens financeiras e empregabilidade na área, o que demonstra que essa mudança é, em parte, pragmática e racional.

Também foi interessante observar que tanto a Isabella, quanto o Luis Felipe aumentaram seu interesse pela economia depois de terem aulas de fundamentos econômicos em suas faculdades.

O jornalismo de entretenimento apareceu como um território de transição e refúgio. Uma participante feminina da pesquisa quantitativa respondeu no formulário que migrou para essa

área após sentir falta de espaço e acolhimento no ambiente esportivo, associando o entretenimento a um campo mais inclusivo e flexível.

As falas também revelaram um desconforto diante da ascensão dos influenciadores digitais, que passaram a ocupar o mesmo espaço simbólico dos jornalistas. “Não acho que seja um problema [a presença dos influenciadores como ‘concorrentes’ dos jornalistas], mas a partir do momento que os jogadores e a imprensa, dão prioridade a um influenciador. Acho que perdemos um pouco o nosso valor”, disse Jonas Karp, aluno da Cásper que sonha em trabalhar cobrindo futebol.

Considerações Finais

Os resultados deste estudo comprovam que as escolhas editoriais dos estudantes de jornalismo em São Paulo estão em transformação. De modo geral, os resultados quantitativos isolados apresentam tendências. Essas serviram de base para a etapa qualitativa, que buscou compreender, em maior profundidade, as motivações e as percepções individuais que explicam os padrões notados.

O esporte surge como símbolo de pertencimento e paixão; a economia, como amadurecimento e pragmatismo; a política, como sinônimo de risco e desgaste; e o entretenimento, como espaço de liberdade e crise de identidade profissional. A convergência dessas percepções confirma que o fenômeno identificado pelo projeto CIP não se limita a uma mudança de preferência, mas reflete o modo como uma geração em formação reage às mudanças não apenas no jornalismo, mas na vida de forma ampla. Mudanças que combinam insegurança sobre o futuro, desconfiança social e a redefinição do que significa ser jornalista.

Com isso, foi possível compreender que as escolhas editoriais dos jovens jornalistas se relacionam a fatores emocionais, econômicos e estruturais.

Do ponto de vista emocional, muitos alunos justificam a escolha por esportes ou entretenimento por um vínculo afetivo com o tema: transformar uma paixão em trabalho aparece como motivação central – pelo menos logo ao entrar na faculdade. Do ponto de vista socioeconômico, o cruzamento entre mensalidade e preferência editorial mostra que estudantes de instituições privadas, com mensalidades mais altas, são encontrados poucos estudantes que visam as áreas julgadas “burocráticas”. Já em instituições públicas há maior expressão de interesse por economia, área que gera interesse pela existência de salários mais elevados. Em termos

estruturais, a precarização do mercado, a polarização e o desgaste emocional ligados à cobertura política aparecem como fatores que desencorajam a entrada nesta editoria.

Esse fatores levaram o jornalismo a ser menos romantizado pela função de fiscalizar e formar opinião pública, e mais presente como um espaço de realização individual e visibilidade.

A curto ou médio prazo, as mudanças podem contribuir para a sobreoferta de profissionais em áreas de mídia de massa, culminando em um impacto direto na capacidade da imprensa de cumprir seu papel democrático e informativo nos maiores âmbitos possíveis.

A partir desses achados, é possível enxergar soluções para o campo da formação em jornalismo. A primeira – e talvez a mais utópica – se resume à sustentação de mais credibilidade para o jornalismo político. A polarização diminui o respeito pelos profissionais da área, gerando menos interesse ao campo.

A segunda possível solução, está na inserção e promoção de experiências práticas, palestras e aulas realmente inspiradoras, com uma didática que possa aproximar o aluno do conteúdo inicialmente visto com certo afastamento para que, no futuro, essa didática e o interesse sejam cultivados em cada estudante de jornalismo.

É importante interpretar os resultados não como um diagnóstico terminal, mas como um sinal de que a profissão está em processo de reinvenção e adaptação. Entender por que os estudantes escolhem trabalhar com esporte é também compreender como funcionam as novas gerações do jornalismo e, a partir daí, pensar em mais medidas pedagógicas e institucionais que preservem sua função social sem ignorar as transformações culturais que marcam esta nova geração.

O artigo teve apoio da Inteligência Artificial durante a análise de dados da pesquisa quantitativa, na busca por fontes relacionadas ao tema e na revisão das normas ABNT.

REFERÊNCIAS

LATTMAN-WELTMAN, Fernando; CHAGAS, Viktor. Mercado Futuro: A Economia Política da (Re)Partidarização da Imprensa no Brasil. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 59, n. 2, p. 323-356, abr./jun. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/00115258201679>. Acesso em: 13 nov. 2025.

LINS DA SILVA, Carlos Eduardo. Tempos em que jornalismo e entretenimento se confundem. **Jornal da USP**, São Paulo, 3 abr. 2023. Disponível em:

<https://jornal.usp.br/radio-usp/tempo-em-que-jornalismo-e-entretenimento-se-confundem/>. Acesso em: 13 nov. 2025.

LOPES, Fernanda Lima. Jornalismo: uma profissão em crise? **Intexto**, Porto Alegre, v. 1, n. 24, p. 58-72, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/19186>.

MIGUEL, Luis Felipe. A mídia e o declínio da confiança na política. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 10, n. 19, p. 328-356, jun. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-45222008000100011>. Acesso em: 13 nov. 2025.

NUNOMURA, Eduardo. Principais dados levantados na Pesquisa Hábitos de Consumo de Mídia realizada com calouros de Jornalismo de Cásper Líbero, 2021

NUNOMURA, Eduardo. Principais dados levantados na Pesquisa Hábitos de Consumo de Mídia realizada com calouros de Jornalismo de Cásper Líbero, 2022

NUNOMURA, Eduardo. Principais dados levantados na Pesquisa Hábitos de Consumo de Mídia realizada com calouros de Jornalismo de Cásper Líbero, 2023

NUNOMURA, Eduardo. Principais dados levantados na Pesquisa Hábitos de Consumo de Mídia realizada com calouros de Jornalismo de Cásper Líbero, 2024

APÊNDICES

APÊNDICE A – Tabela com coleta das respostas do formulário em pesquisa quantitativa realizada.

 TABELA COM COLETA DAS RESPOSTAS CIP 2025 A crescente do jornalismo esportivo e a que...